

Monique de Jesus Silva Vieira
Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL)

Pode-se definir o gerativismo como a teoria responsável por estudar a aquisição da linguagem natural. Teve seu início nos anos 50, nos Estados Unidos da América (EUA), com Noam Chomsky como seu precursor. Seu livro “Estruturas Sintáticas”, de 1957, foi considerado o início da teoria em questão. Desde então, mais de 60 anos se passaram, e ao longo desse tempo o gerativismo teve várias mudanças significativas. Existe uma pretensão de criar um jeito matemático de explicar como a linguagem humana funciona.

O gerativismo foi uma resposta ao behaviorismo, que inicialmente foi proposto por John B. Watson. Na teoria behaviorista, a aquisição da linguagem era vista como um condicionamento social, ou seja, era vista como um estímulo e, para que uma criança em fase inicial pudesse adquirir a linguagem natural, era preciso conviver com outros falantes e “copiar” as palavras e estruturas em sua mente.

Ao longo dos anos, desde os anos 70, muitos linguistas de diferentes lugares, inclusive do Brasil, trabalharam a ideia da teoria gerativa. Chomsky é de suma importância (até porque é o criador e seu principal pensador), apesar de que há pessoas que dele discordam e lançam novos estudos na tentativa de pontuar certas questões, em outras palavras, nem todo gerativista segue a mesma linha de Chomsky, criando-se modelos alternativos, que são bem diferentes do que ele pensa.

A revolução cognitiva se deu nos anos 50, como uma ideia de estudar a mente e como ela funciona, de uma maneira que várias áreas fossem aderidas entre si, como psicologia, linguística, ciência da computação, antropologia, filosofia e neurociência. Como supracitado, o estudo da linguagem mais comum antes do surgimento do gerativismo era o behaviorismo, com enfoque no comportamento observável das pessoas em laboratório, na tentativa de compreender a mente humana.

Nos estudos do gerativismo, a atenção se volta para o falante e como ele usa a língua. A “competência” é, por conseguinte, o conhecimento que o falante acumula sobre a língua ao longo da vida. Já o “desempenho” é como o tal

falante se sai ao produzir as frases, dependendo da competência dele e de outras coisas, como o contexto social.

Cid Ivan da Costa Carvalho, em seu artigo “Gerativismo Linguístico”, exemplifica a descrição de uma língua de maneira concisa:

A descrição de uma língua deve começar pela sintaxe, unidade mais abrangente no nível de análise, pois ela determina a construção de uma gramática para língua particular, ou seja, o mecanismo de produção de sentenças de determinada língua. No entanto, como determinar a gramaticalidade de uma sentença? Para Chomsky (2015), o objetivo básico da análise linguística de uma língua qualquer é separar as sentenças gramaticais das sentenças agramaticais de uma língua e estudar a estrutura das sentenças gramaticais.

Para o gerativismo, há uma espécie de regras para criar frases. Chomsky, entre as décadas de 50 e 60, relacionou essa ideia com as Ciências Cognitivas, argumentando que esse modo de entender a língua natural é um conhecimento inato que a pessoa possui para conseguir falar e entender o que é dito por outros falantes. O fato de as crianças aprenderem a língua materna tão rápido, sem muito esforço e sem ensino explícito, fez os pesquisadores do gerativismo criarem a hipótese de que elas podem já nascer com uma capacidade genética para entender esses sistemas de linguagem. Isso permite que elas aceitem certas estruturas como possíveis na língua que estão aprendendo (sentenças gramaticais) e rejeitem outras (sentenças agramaticais). Essas "regras" foram pensadas como parte de uma Gramática Universal (GU), algo que os estudiosos da teoria tinham a pretensão de formalizar.

A maneira como a mente da criança se adapta para aprender é chamada de "Aquisição da Linguagem". Isso ajuda a criança a entender e a usar as estruturas da língua que está ouvindo, ou seja, o que a criança ouve e experimenta ao se comunicar é a base para adquirir uma língua.

Como o conhecimento da linguagem é caracterizado dessa maneira, a questão central é saber como ele é empreendido na mente do usuário. O conceito em foco trata do estado mental/cerebral da pessoa que compreende uma determinada língua. Isso implica que o tema da pesquisa linguística, no final das contas, tenha suas bases na cognição humana, ao invés das características linguísticas específicas ou de atos, independentemente de quais sejam.

A Teoria de Princípios e Parâmetros sugere que todos nós temos princípios básicos comuns, porém os parâmetros variam para cada língua específica. Os parâmetros são, portanto, ajustados com base na experiência linguística de cada falante natural de sua língua. A aquisição da linguagem, então, é como ligar e desligar interruptores para definir as regras específicas de uma língua. As línguas humanas seguem padrões considerados semelhantes, mas com algumas pequenas variações.

No entender de Chomsky, a faculdade da linguagem nos ajuda a aprender e falar línguas, e ela já está em nós desde o nascimento. Ele comparou isso a um dispositivo interno que nos ajuda a entender e produzir linguagem. Isso significa que todos nós, como seres humanos, temos essa capacidade de falar e entender línguas. Ele significa, também, que essa capacidade está ligada a certos padrões universais que são compartilhados por todas as línguas. Por exemplo, a maneira como organizamos palavras em frases segue algumas regras comuns em todas as línguas (os princípios), embora as línguas em si sejam diferentes (em função dos parâmetros).

O que mais fascina no gerativismo é a maneira como ele nos convida a repensar a natureza da linguagem. Ao considerar a linguagem como parte natural da mente humana, somos levados a examinar não apenas a forma como as palavras são organizadas, mas também como essa organização reflete o funcionamento interno da nossa percepção. A ideia de que nossa capacidade de linguagem está enraizada em estruturas mentais universais desencadeia questionamentos empolgantes sobre a natureza da nossa própria mente.

Essa teoria despertou minha curiosidade, desafiou minhas suposições e abriu um mundo de possibilidades para entender não apenas a linguagem, mas também a nós mesmos como seres cognitivos. É uma jornada intelectual que, tenho certeza, continuará a inspirar e aprofundar meu entendimento sobre a complexidade da mente humana e da linguagem.

Referências Bibliográficas:

CARVALHO, C. I. C. Gerativismo linguístico. In: CARVALHO, C. I. C., and BARBOSA, J. R. A., ed. Teorias linguísticas: orientações para a pesquisa [online]. Mossoró: EdUFERSA, 2021, pp. 43-69. ISBN: 978-65-87108-25-4